

Semiótica

Signo: Tudo o que representa ou faz lembrar uma coisa (diferente de si mesmo), um facto ou um fenómeno presente, passado ou futuro. É uma manifestação, exteriorização, marca, vestígio, etc. É um operador de representação, isto é, que está em vez de outra por substituição. É algo que está para alguém por outra coisa, está na sua vez/substitui/representa.

Princípio de referencialidade: Pode ser signo aquilo que se refere a qualquer coisa, incluindo sentimentos, ideias, realidades imaginárias/simbólicas, culturais, construída pelo Homem, em função da sua relação com o mundo.

Por exemplo: a bandeira de Portugal representa um território, uma língua, o povo ou o patriotismo. No entanto, não é isso que vemos na bandeira em si (não são elementos palpáveis)

Semiose: quando atribuímos um signo é uma operação abstrata (mental) que reduz cada episódio a um exemplo de semiose. Ou seja, a semiose é aquilo que um signo provoca- que é mais do que a resposta automática, condicionada, que se falará no mundo animal. Nós fazemos um raciocínio mental. Lemos e interpretamos o sinal, não só reagimos a ele.

No entanto, os signos não têm todos a mesma natureza.

Signos naturais/Sinais: sintomas clínicos, indícios meteorológicos, vestígios criminais, fumo, pegadas. Não possuem intenção comunicativa, são motivados por aquilo que representam.

Signos convencionais: instituídos pelo homem com o intuito de representar, há uma intenção porque há uma construção humana com o fim de representar- sinais de trânsito, por exemplo.

FUNCIONAMENTO DOS SIGNOS

A relação entre o signo e o objeto estabelece-se de forma arbitrária ou de forma motivada.



A relação entre este signo e este objeto estabelece-se de forma motivada (o desenho do cão é motivado pela configuração própria do cão “palpável”).



O desenho de um cão→ O cão real (e não a imagem)

O que mentalmente associamos ao desenho de um cão→ O cão real (e não a imagem)

“Quanto menos motivado for o signo, mais importante é que tenhamos aprendido as convenções acordadas entre os utentes; sem elas, o signo permanece sem significado ou suscetível de descodificação altamente aberrado” (Fiske)

Ou seja, quando não há motivação natural, os signos só podem funcionar em resultado de uma convenção.



Mais motivado☐ Menos motivado

Convenção: supõe que não há uma relação natural, de motivação, entre o signo e o objeto representado. A relação entre o signo e objeto é, nestes casos, arbitrária (depende apenas da vontade). É esta ideia de arbitrariedade que diferencia as línguas.

A arbitrariedade supõe a existência de um **código**.

Código: sistemas em que os signos se organizam. Estes sistemas regem-se por regras que são aceites por todos os membros de uma comunidade que usa esse código. Ou seja, define o que corresponde a quê e o que se relaciona ou combina com o quê. Implica aprendizagem social com o qual aprendemos a interagir em sociedade. Ex: código de estrada, código binário, morse, braille, português, etc.

“A convenção é a dimensão social dos signos: é o acordo entre os utentes a respeito dos usos e reações adequados a um signo.” (Fiske).

Os signos significam porque há uma relação entre o representante (aquilo que está a representar a outra coisa, como é exemplo a fotografia, as palavras, os desenhos) e o representado (não a coisa em si, mas a ideia que temos da coisa).

Os códigos supõem duas dimensões: a paradigmática e a sintagmática.

Paradigma: existência total do código: funciona como um modelo

Sintagma: escolha (combinação) de opções dentro daquilo que era possível; aquilo que é realizado em determinado momento; concretiza partes de um modelo.

O código significa regularidade e correspondência, mas está submetido a adaptações particulares sempre que é utilizado num ato de enunciação, num ato de fala determinado. Implica levar em conta o contexto e as circunstâncias da enunciação.

Além disso, nem toda a significação é codificada -> Investigação Criminal

“Investigar é inventar sentidos”: significa admitir que a construção do sentido também depende da energia do intérprete. Na cena do crime há sinais que não terão sido intencionais e que o detetive investiga para aferir o seu sentido. No texto há signos que resultam de intenções, mas que o leitor percorre para contribuir para o sentido.

Ferdinand SAUSSURE

Encara a **língua como um sistema de signos** que só têm valor pelas relações que mantêm entre si. A língua é o objeto por excelência da Linguística e **Saussure distingue “língua” de “fala”** (a enunciação feita de práticas heterogêneas)

Teoria bipolar do signo

Saussure adota uma **perspetiva abstracionista**: “O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica (palavra dita ou escrita).”

O **signo** tem **dois polos: significante e significado**. São inseparáveis. A ligação que une o significante e o significado chama-se **significação** e dá-se por meio de uma convenção. Sabemos que quando há significação estamos perante signos.

Relação significante e significado:

OURIÇO
CACHEIRO



Significante (imagem acústica) — Por meio de convenção > Significado (coisa)

Características do signo linguístico:

Arbitrário	<p>O signo é arbitrário, não no sentido em que cada um escolhe o que ele quer dizer, mas porque depende do grupo linguístico a que alguém está sujeito, desde o nascimento.</p> <p>“Arbitrário significa antes de mais que o significante é imotivado, isto é, arbitrário por relação ao significado, com o qual não há nenhuma relação natural na realidade.”</p> <p>As palavras onomatopaicas, em que há semelhança sonora com a ideia, fogem um pouco à regra. Mas podemos aplicar a sua arbitrariedade na diferença entre línguas (ex: cocorococó e quiquiriquí);</p> <p>Há arbitrariedade radical (não tem semelhança na origem - ex. pedra) e arbitrariedade relativa (relaciona-se com a palavra-base - ex. apedrejar, empedrado)</p>
Sistémico	<p>Organiza-se em código, segundo dois tipos de relação estrutural:</p> <ul style="list-style-type: none">- Paradigmas: remetem para a memória, para um sistema virtual cujo centro é o cérebro (modelos, códigos – ex. menu de um restaurante)- Sintagmas: elementos do código efetivamente convocados no ato de fala (ex. prato de bacalhau com natas)
	<p>Obedecem a um encadeamento temporal (ex. ao observar um gesto numa imagem ou na música, o espectador reconstrói inconscientemente o encadeamento temporal para esclarecer o sentido).</p>

Lineares	
Imutáveis	Esta característica é relativa, uma vez que há mudanças periódicas nas línguas.
Inter-relacionados	Relações de oposição, sinonímia, etc

Pensamento Binário ou Dicotómico

Língua/ Fala

Afasta a enunciação

Significante/Significado

Afasta o referente

A língua é a condição para a existência da fala, exatamente como a sociedade é a condição para a existência do indivíduo.

Língua (paradigma)	Fala (sintagma)
Homogéneo (igual para todos)	Heterogénea (varia de pessoa para pessoa)
Social (partilhada por todos)	individual (própria de cada um)
Sincronia (existe sempre)	Diacronia (ocupa um tempo específico)
Imanência (relaciona-se internamente)	Manifestação (exterioriza-se)
Sistema (organização em código)	Prática (aplicação ao código)

A língua é a forma pura homogénea e estática enquanto que a fala depende da natureza variável das suas manifestações.

Contribuição saussuriana para o estudo dos signos

Considera que o signo é a **relação com o pensamento**, não com a coisa. “A linguagem entendida na perspetiva saussuriana tem mais a ver com a **forma como os signos se relacionam uns com os outros** do que com a forma como eles se relacionam com o objeto” a que se referem. “A significação funda-se na constituição interna do signo e não na relação dos signos com as coisas (função referencial)”. Isto quer dizer que o conhecimento e os signos estão intrínsecos a nós ao nosso pensamentos, não há relação com o objeto em si.

Estruturalismo

Estruturalismo é a hipótese segundo a qual se pode **estudar a língua enquanto estrutura**. Rejeita a ideia de liberdade humana (própria do existencialismo) e foca-se na maneira como a **experiência humana e o comportamento são determinados por várias estruturas**. O trabalho de Saussure é normalmente tomado como o ponto de partida.

O **objeto do estruturalismo** apresenta-se como um **simulacro** (simulação das relações profundas, subjacentes, que sustentam uma prática significativa, um texto), com um **conjunto sistemático de leis e funções que organizam as suas formas**.

A **língua** possui todas as leis que a organizam, não havendo nenhuma exterioridade que a determine.

Estrutura:

- **Conjunto hierarquizado de relações cuja definição prevalece** sobre a dos seus elementos constituintes.
- A **natureza da estrutura é espacial** e não substancial. Não se trata de determinar conteúdos

(imaginários, reais ou conceptuais), mas **de identificar o valor diferencial que se joga na relação entre elementos**.

A abordagem estruturalista do texto comporta **duas operações típicas**:

- **Decomposição**: Revela as descontinuidades, as unidades mínimas ou traços distintivos em que assenta o próprio método estruturalista.

- **Recomposição**: Consiste em devolver a imanência subjacente à aparência sob a forma de um simulacro estruturado.

É uma **metodologia** tendencialmente **objetiva** do **estudo da linguagem**, mas pode ser aplicado à imagem também. Consistiria em analisar os elementos da imagem (cor, formas...) como elementos estáticos que reservam o sentido. Suporia analisar a sintaxe icónica:

-**Estrutura espacial** (determinada por elementos como o ponto, a linha, o plano, a textura, a cor e a forma...)

-**Estrutura temporal** (determinada por elementos como o movimento, a tensão, o ritmo...)

-**Estrutura de relação** (determinada por elementos como a dimensão, a escala, a proporção e o formato)

De acordo com o paradigma estruturalista, a significação plástica da imagem resultaria... .. das relações produzidas pelos elementos icónicos organizados em estruturas segundo um princípio de ordem

É um **ponto de vista estreito**, excessivamente **reductor e simplista**, porque se ignora o social em que as estruturas acontecem.

PEIRCE

Pragmatismo: teoria empírica do conhecimento (em que a ação e as consequências práticas desenrolam um papel determinante) ≠ Estruturalismo que se preocupa com as estruturas fixas e com o que elas no obrigam a fazer. Saussure tira a linguagem do seu território, usa-a como código abstrato.

Princípios: 1) O nosso conhecimento repousa na experiência. Não existe um “a priori” transcendental; 2) É rejeitada a noção clássica de substância; 3) Nós somos seres sociais.

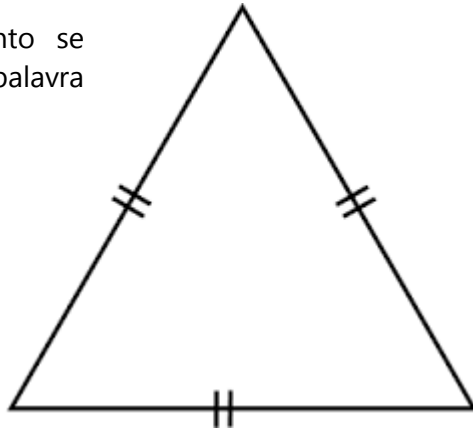
- ✚ “Não temos nenhuma maneira de compreender aquilo que se passa ao lado do nosso conhecimento” ≠ Saussure diz que o conhecimento é condicionado pelos signos.
- ✚ Só conseguimos perceber a língua, se a pusermos em prática.
- ✚ Rejeita o determinismo absoluto e a noção clássica de substância (acima de nós, absoluta) ≠ Estruturalismo defende o determinismo. Falamos de certa forma porque as estruturas da língua, no fazem falar assim. A língua determina os indivíduos falantes.
- ✚ Toda e qualquer produção, realização e expressão humana é uma questão semiótica.

Ou seja, um representante representa alguma coisa (objeto) a alguém. Como? Através de um interpretante (imagem do objeto no nosso pensamento) que é objeto de interpretação.

Teoria triádica do signo

“Um signo, ou representamen, é qualquer coisa que está para alguém em vez de outra coisa, sob um aspeto ou a um título qualquer. Dirige-se a alguém, ou seja, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez mesmo um signo mais desenvolvido. A esse signo dou o nome de interpretante do primeiro signo. E este signo está em lugar de qualquer coisa, isto é, do seu objeto”.

1º signo: Enquanto se apresenta. A palavra "COMPUTADOR"



2º signo: É o signo que remete para o objeto. Difere de significado porque a sua função é fazer o representamen remeter para o objeto. A imagem que criamos de um computador na cabeça quando ouvimos a palavra.

3º signo: Objeto. Tudo aquilo para que o interpretante remete o representamen. O objeto físico do computador

Semieose: "ação ou influência que é ou implica a cooperação de três sujeitos, tais como um signo, o seu objeto e o seu interpretante".

A semiose como interpretação: nada é signo se não é interpretado como signo. A interpretação de um signo é um processo dinâmico na mente do intérprete. A semiose é o processo no qual o signo tem um efeito cognitivo sobre o intérprete. É a semiose e não o signo aquilo que ocupa verdadeiramente Peirce.

SAUSSURE

VS

PEIRCE

- ✚ Signo essencialmente verbal.
Foca-se mais nas palavras, área linguística.
- ✚ Erradica, afasta a identificação e a pertinência do referente e faz equivaler o signo apenas ao pensamento.
- ✚ O significado é o final, ponto de chegada.

- ✚ Signo em geral, qualquer coisa que representa alguma coisa para alguém.
- ✚ O interpretante é o que faz com que ele a interprete de determinado modo como sendo uma coisa que representa uma outra coisa.

O papel do interpretante

- ✚ Tem um papel mediador, de "tradução".
- ✚ Não há semiose sem interpretante.
- ✚ O signo possui uma virtualidade: é o interpretante que manifesta o carácter interpretável do signo.
- ✚ Interpretar é transitar de signo para signo

Três tipos de signos (tendo em conta a relação entre o representante e o objeto)

✚ **Ícone:** o representante parece/assemelha-se ao objeto que representa. Ex: o desenho de um cão, uma fotografia (representações visuais).

✚ **Índice:** tem uma conexão dinâmica com o objeto, maior parte são signos naturais. Ex: o latido de um cão, implica a existência de um cão; o fumo implica a existência de fogo; os sintomas implicam uma doença; as nuvens negras implicam chuva. Ou seja, não se conseguem separar, o signo é afetado pelo objeto.

✚ **Símbolo:** representante de um objeto por convenção. Ex: as próprias palavras ou o código de estrada, uma lei faz com que o símbolo seja interpretado como referindo àquele objeto. O triângulo em nada está relacionado nem tem semelhanças com o perigo e, mesmo assim, foi convencionado que tal significaria perigo no código de estrada.

✚ **Quando há mistura, há um híbrido.** Quando temos uma pegada (ícone dos pés) também temos índice de que alguém passou por lá. Ou quando vamos a casa de alguém e vemos uma fotografia de uma família (ícone) que não está lá naquele momento, mas assumimos que já existiu (índice de que existiu/existe). Outro exemplo é o sinal da passadeira que por si só é um símbolo visto que a lei decidiu que ia ser assim e um índice porque sabemos que ao encontrar aquele sinal de que nos aproximamos de uma passadeira e que poderá ter pessoas a atravessar.

Fenomenologia Peirciana

A fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo o homem, a cada dia e a cada hora, em cada canto e esquina do nosso quotidiano.

Toda a perspectiva de Peirce se funda na observação de fenómenos. Com atenção especial ao modo como as coisas aparecem à consciência (isto é, ao modo de como os interpretamos).

Observamos fenómenos que provocam em nós outros fenómenos mentais. “Não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos da nossa vida.” (Peirce)

Pragmática

O pragmatismo não é uma filosofia do sucesso prático nos negócios □ designa aquilo que é adaptado à ação e que diz respeito à vida quotidiana. Consiste em considerar, como critério de verdade, o valor prático de uma asserção e em considerar um fenómeno como “a soma das ideias que podemos ter acerca das consequências desse fenómeno, das ações que se podem realizar sobre esse fenómeno”.

Dois princípios:

✚ A recusa de um princípio imanente que dê coerência ao mundo e que permita conhecê-lo e compreendê-lo.

✚ A afirmação de que o mundo não é se não o resultado das relações entre fenómenos.

A noção de fenómeno é central em toda a reflexão de Peirce; a vida é uma sucessão de fenómenos, sendo a semiótica a atividade de relação a esses fenómenos. Peirce deu-lhe o nome de faneroscopia.

O fenómeno é, para Peirce, “tudo o que é, qualquer que seja o seu modo ou o seu sentido, presente ao espírito, correspondendo isso a algo real ou não”.

MAS....

A semiótica não se foca apenas no signo. Foca-se também no discurso.

Discurso: natureza representativa e performativa da linguagem. Compreende as dimensões da prática discursiva, designadamente, a intersubjetividade, a intencionalidade e a reflexividade.

Do signo para o discurso...

Da ideia da representação, para a ideia de representação e comunicação.

Do signo que representa o pensamento e o mundo que conhecemos para o discurso que nos coloca em relação uns com os outros.

De uma espécie de gramática para uma espécie de uma competência social.

Do dito para o dizer e fazer.

Da semiótica linguística à semiótica social...

Semiótica social

Pressupostos:

- ✚ O sistema social é um conjunto de sistemas semióticos
- ✚ A linguagem é parte do sistema social

Estudo das dimensões sociais do sentido e do poder dos processos de significação e interpretação humana (conhecidos como semiose) para moldar os indivíduos e as sociedades.

Em vez de ser uma perspectiva fixa em códigos inalteráveis, fixa-se na consideração de que os signos são recursos que as pessoas usam e adaptam para construir sentido. Foco nas práticas (visuais, verbais) na construção do sentido. Isto levou à ciência interpretativa.

A semiótica enquanto ciência interpretativa:

A TEORIA DA "OBRA ABERTA" DE UMBERTO ECO

O desafio de Interpretar - Discurso

A teoria da "Obra Aberta" (1962) foca a interpretação como forma de conhecer a realidade. Interpretação não é decodificação, mas sim compreensão.

Umberto Eco prefere não chamar "descodificar", mas sim "compreender". A mensagem ou texto surge como algo vazio à qual podemos atribuir vários sentidos, resultantes da interpretação. Apesar da diversidade de interpretações, o texto tem uma certa intencionalidade própria, mas que não fornece todo o sentido. A interpretação pode incidir sobre vários objetos (exemplo de um livro):

- ✚ o que o **autor quer dizer**;
- ✚ o que o **autor disse**;
- ✚ o **que o leitor vê no texto** (que depende de leitor para leitor).

Dualidade leitor/texto – encontro entre o que o leitor acredita, imagina, prevê, e o que o texto afirma, sugere, leva a crer.

Todo o texto comporta uma intenção própria. Mas "*um narrador não tem que fornecer interpretação da sua obra, ou não valeria a pena escrever romances, uma vez que eles são, por excelência, máquinas de gerar interpretação*" (Eco).

O leitor desenvolve um **mecanismo cooperativo**. Ler obriga-o a sair do texto, para encontrar ajudas intertextuais ("passeios interferenciais") que ajudem a compreendê-lo. Podem ser experiências pessoais, conhecimentos de outras histórias, poemas, situações, etc...

A **interpretação** resulta da **correspondência** entre **marcas textuais** e a **atitude do leitor**. É perceber ou percorrer e explicitar as ligações que envolvem singularidades. Daí que a interpretação não resulte de um pressuposto pré-fixado na obra (de arte, literatura...). A obra propõe e tem uma dimensão de sentido literal. Mas convida a inscrever na experiência singular de cada leitor.

O CASO DO SOM

Correspondência entre som e ouvinte

Tal como no discurso, a narrativa sonora dá sinais que ajudam o ouvinte a construir o sentido. Há um **mecanismo cooperativo entre o ouvinte e os sons**. Um encontro entre o que o ouvinte crê ou prevê e o que o som afirma ou sugere. O ouvinte acredita em marcas sugeridas pelos sons (chuva, ambulância...). A narrativa produz um fazer-creer no ouvinte, na medida em que lhe dá pistas (sonoras).

O som enquanto signo: Existem **sons naturais** (ex: chuva a cair) e **sons convencionais** (ex. ambulância). Os sons também se articulam em códigos (sonoros).

SOM	IMAGEM
Há uma relação intrínseca entre o som e a sua origem (os sons confundem-se com a alma das coisas e das pessoas).	Está em vez da coisa que representa , parecendo-se com esta, mas é outra coisa .
Tem valor indicial , como vestígios da realidade.	Valor icónico
Supõe temporalidade (fluxo, só existe no momento; se o pararmos, não existe)	Supõe espacialidade (acontece num dado espaço, do qual se apropria)
Tem natureza física, é vibração do ar. Toca o ouvido e afeta a nossa pele.	Baseia-se na analogia e em níveis de similaridade ou semelhança. É uma aparentemente palpável.
O som e a coisa representada pelo som podem ser coincidentes.	A imagem e a coisa representada pela imagem são coisas diferentes.

Apesar de serem os suportes mais estudados das nossas atividades de comunicação, a palavra escrita e a imagem não respondem por toda a nossa relação com o mundo. Aparentemente mais automático, natural ou insignificante, o som é muito mais orientador do quotidiano do que temos consciência.

A natureza performativa da linguagem

Do enunciado (perspetiva estruturalista) **para a enunciação** (perspetiva pragmática)

Os estruturalistas procuram as estruturas no “texto-resultado”. E entendem o **texto como execução de leis gerais**. O ponto de partida é o texto e fazer a análise conforme o que lá está escrito. *“Analisar um texto é percorrer estruturas generativas, quer dizer, percorrer lugares lógicos” (Martins)*

O ponto de vista adotado permanece o do texto, tomado como uma autarcia de sentido (autossuficiência), contra a ideia de instância de receção, que remete para um leitor e ainda contra a ideia de texto como instância reprodutora (que remeteria para o uso)

Uma perspetiva **crítica** acerca de uma abordagem de quem se fixa apenas no texto. Numa **perspetiva pragmática** procura-se antes examinar a **enunciação como processo**. O **texto não é autossuficiente** (depende do sujeito e do contexto)

“A **semiótica da enunciação** vai valorizar, por sua vez, a **dimensão pragmática da produção de sentido**. E isto quer dizer que ela se ocupa da **oralidade em detrimento da escrita**, cingindo-se fundamentalmente a quem fala e a quem escuta, e insistindo nas práticas e processos”.

Do enunciado para a enunciação...

Enunciado: texto-resultado, a criação em si, estruturalistas, autossuficiência de sentido do texto.

Enunciação: processo de produção de sentido, instância do autor, lugar de receção, instância reprodutora, o texto depende de sujeitos e de contexto, pragmatismo e oralidade em detrimentos da escrita

J.L. AUSTIN

✚ O texto não é o resultado. Preocupa-se com a ação de dizer, atos de fala, através dos quais “nós agimos socialmente”.

Pensamento: Na linguagem cotidiana existem elementos que só adquirem sentido na situação enunciativa e que remetem para o ato de enunciação □ ou seja, não são do domínio do abstrato. As afirmações, verdadeiras ou falsas, não são a única modalidade de funcionamento da linguagem. A linguagem não é simplesmente um sistema simbólico de representação do mundo, mas permite a realização de atos que cumprem outras funções.

FALAR É AGIR

Os atos que realizamos na linguagem “intervêm no mundo, sob diversas formas, tendo capacidade de transformar as propriedades das coisas, pessoas, ações e interações que existem ou acontecem no mundo”. A ideia de ação não se restringe ao ato de falar.

Ação: Atos que estão de certa forma para além da linguagem, mas que se realizam através da linguagem.

O autor disse que nem todos os enunciados verdadeiros ou falsos são descritivos.

Exemplos: “Deves amar o próximo” ou “Mafalda, vai arrumar o quarto!” ou “Prometo devolver-te o livro amanhã” são enunciados que não podemos dizer se são verdadeiros ou falsos. **Fazemos algo mais que dizer.**

Há enunciados que não nos estão a informar, estão sim a realizar-se, efetivamente. “Sim, aceito”; “prometo ligar-te”; “declaro esta sessão aberta”. “Nestes exemplos parece claro que enunciar a frase (nas condições apropriadas, evidentemente), não é nem descrever aquilo que supostamente eu estou a fazer ao falar assim, nem afirmar que o faço: é fazê-lo”. (Austin)

Quando alguém diz alguma coisa, devemos distinguir:

- O ato de dizer, isto é, o ato **locucionário** ou dimensão locucionária (ato de pronunciar)
- O ato que levamos a cabo ao dizer algo: prometer, advertir, afirmar, felicitar, batizar, saudar, insultar..., isto é, o ato **ilocucionário** ou a dimensão ilocucionária
- O ato que levamos a cabo porque dizemos algo: intimidar, assombrar, convencer, ofender, intrigar..., isto é, o ato **perlocucionário** ou a dimensão perlocucionária.

Ato locucionário:

- ✚ Ato de dizer algo
- ✚ Estudo das locuções ou das unidades completas do discurso
- ✚ Implica sempre um ato ilocucionário, porque, usando a fala, fazemo-lo sempre de algum modo: respondendo ou perguntando, dando informações, ditando sentenças...

Ato ilocucionário e perlocucionário

- ✚ O ato perlocucionário produz consequências
- ✚ O ato ilocucionário não produz consequências, mas está relacionado com a produção de determinados efeitos.
- ✚ A menos que se obtenha um certo efeito, o ato ilocucionário não se terá realizado de forma feliz ou satisfatória. Realizar um ato ilocucionário supõe assegurar a apreensão do mesmo.
- ✚ O ato ilocucionário “tem efeito” de certas maneiras, como coisa distinta de produzir consequências no sentido de provocar estados de coisas no modo normal, isto é, mudanças no curso normal das coisas.

✚ Muitos atos ilocucionários reclamam, por virtude de uma convenção, uma resposta ou sequela que pode ter uma ou duas direções. Deste modo, podemos distinguir, por um lado, ordenar, prometer, sugerir e pedir, e, por outro, oferecer, perguntar a outro se deseja algo, perguntar “sim ou não”.

Atos performativos

✚ Não descrevem ou registam nada e não são nem verdadeiros nem falsos;

✚ O ato de expressar a oração é realizar uma ação, ou parte dela, ação que por sua vez não seria normalmente descrita como consistente ao dizer algo.

Enunciados performativos

Indicam que emitir a expressão é realizar a ação e que esta não se concebe normalmente como o mero dizer algo. Para batizar o barco é necessário que eu seja a pessoa designada para esses fins;

Exemplo: Para que tenha lugar uma aposta, é necessário que tenha sido aceite por outros; para que eu assumo um cargo é necessário que reúna as condições necessárias. Mas é sempre necessário que as circunstâncias em que as palavras se expressam sejam apropriadas.

Atos de fala – tem uma força ilocucionária. Pode resultar ou não. Resulta quando entre o locutor e o ouvinte se estabelece uma relação, justamente a visada pelo locutor, e o ouvinte entende e aceita o que o locutor lhe diz. Austin chama ao insucesso dos atos de fala infelicidades.

A força ilocucionária é um constituinte pragmático essencial da proposição



Determina o modo como a proposição deve ser encarada (na forma de uma hipótese ou de uma asserção condicional) É uma unidade de comunicação da frase. É aquilo que fazemos, aquilo que comunicamos ao dizê-la. Austin sugere que não há atos constatativos puros.

JOHN SEARLE

Pensamento: Sugere que «falar uma língua é executar atos de fala, atos como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas, etc., e num domínio mais abstrato, atos como referir e predicar» □ Toda a comunicação linguística envolve atos linguísticos.

Exemplos: O João fuma muito
O João fuma muito?



O mesmo conteúdo, mas diferentes
forças ilocucionárias

Qualquer um dos enunciados implica três tipo de atos:

✚ Enunciar palavras = executar atos de enunciação;

✚ Referir e predicar = executar atos proposicionais;

✚ Afirmar, perguntar, ordenar, prometer, etc... = executar atos ilocucionais.

Quando se executa um ato ilocucionário, executam-se efetivamente atos proposicionais e atos de enunciação.

Tipos de Atos de Fala

✚ Assertivos – afirmações

✚ Diretivos – ordens

✚ Promessas

✚ Expressivos – felicitações

✚ Declarativos (declarar aberta ou encerrada uma sessão, por exemplo)

Força ilocucionária

Originalmente, Searle assume que a força ilocucionária de uma frase consiste na subordinação dessa frase a certas regras especificáveis. Estas regras traçam as circunstâncias sob as quais é admissível pronunciar a frase e como é que este pronunciamento conta.

Searle especifica 4 categorias destas regras: conteúdo proposicional; condições preparatórias; condição de sinceridade; intenção geral

Atos ilocucionários

Condições preparatórias (necessárias para o sucesso dos atos)

Para executar um pedido com sucesso é necessário que o meu ouvinte seja capaz de realizar a ação pedida e que eu acredite que ele consegue realizá-la. Para que um cumprimento seja sucedido, é necessário que eu e o meu ouvinte já nos conhecêssemos antes.

Condições de sinceridade

Os atos ilocucionários não podem ser insinceros.

Para que uma afirmação possa ser realizada sinceramente é necessário que a pessoa que a realiza acredite ela própria que o que está a afirmar é verdade; Para fazer uma pergunta sinceramente, é preciso que eu queira efetivamente uma resposta.

A sinceridade não é necessária para a mera ocorrência do ato, mas se a insinceridade está presente, o ato é “defeituoso”.

Intenção geral

Uma asserção conta então como um compromisso com a verdade do conteúdo; uma questão conta como uma tentativa de obter alguma informação; agradecer a alguém conta como uma expressão de gratidão. Esta intenção assumida pelo falante tornou-se na maior preocupação de Searle.

Intencionalidade como construção social

Como é que algumas coisas se constroem como resultado de uma intencionalidade combinada?

Exemplo: Uma nota de cinco euros é uma nota de cinco euros em virtude de uma intencionalidade coletiva.

A linguagem que usamos, posse de propriedade e de relações com os outros, depende fundamentalmente de algumas intencionalidades implícitas.

Lógica ilocucionária

- Implica falar de intersubjetividade e não de subjetividade
- É da inter-relação dos indivíduos que os atos de fala decorrem, o que quer dizer que os indivíduos são uma efetuação e uma especificação da fala.

Vínculo Relacional

- Torna a interação dos atos de fala realmente comunicativa.
- É a integração do sujeito numa comunidade de práticas e de linguagem e a sua participação em processos efetivos de comunicação.

Exemplo: “O Emanuel vai embora amanhã”

Executo um ato que é condicionado pela minha situação social. Quero ser agradável ou desagradável? Quero inquietar alguém ou sossegar? É o meu ato um gesto de amizade ou de hostilidade, uma ameaça ou uma advertência?

Aqui repara-se a intervenção de um condicionamento social.

Critica a teoria dos atos de fala de Austin, considerando esta **perspetiva** ainda fechada na linguagem (**pouco pragmática**) “O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta voz e das suas palavras”

As palavras são apenas o instrumento de fala, exterior ao próprio conteúdo.

A magia social: consiste em tentar compreender linguisticamente o poder das manifestações linguísticas, procurar o carácter institucional e ritualista do discurso. Não é a linguagem que age, que tem poder, é o sujeito que age quando fala (**o porta-voz age pela palavra**). O uso da linguagem **depende da posição social do locutor** (que comanda o acesso que este pode ter à palavra oficial, legítima). A fala tem um valor e poder diretamente relacionados com os rituais de instituição. É aí que está a sua força simbólica.

Retórica dos discursos institucionais

As características estilísticas do discurso institucional. Há uma rotinização e uma neutralização que decorrem da posição dos depositários da autoridade delegada. (ex. o juiz age de uma maneira diferente de um padre). Colam-se às palavras as conotações (situações convencionais) ligadas a um contexto particular

O princípio da eficácia simbólica dos atos autorizados

A relação entre três propriedades: do **discurso** (verbal, visual...); daquele que o pronuncia - **porta-voz** (personalidade, capacidades e fatores pessoais); da **instituição** que o autoriza a pronunciar-las. Um discurso de autoridade precisa de ser compreendido e reconhecido (deve ser pronunciado pela pessoa legitimada para o dizer, numa situação legítima - perante recetores legítimos - e nas formas legítimas).

O porta voz age pela palavra. Não é a palavra em si que é poderosa e realiza ações, mas sim o porta voz, por meio de palavras. A palavra concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que o mandou. Magia social dos atos autorizados, no contexto das instituições, subordinados a um conjunto sistemático de condições.

Exemplo: Assembleia da República: Intervém um certo deputado do PS, tem um certo modo de falar, uma articulação de sintagmas que faz num determinado momento. Importa saber se ele próprio é mais famoso ou menos famoso, se é persuasivo, cativante ou monótono. Resta ainda as normas do parlamento e as limitações do discurso que lhe propõem. Será um ambiente mais agressivo, na sala de aula mais compreensivo, num café mais divertido e livre...

Para que o discurso de autoridade seja reconhecido, é preciso a reunião de três condições:

- ✚ Deve ser pronunciado pela **pessoa legitimada** para o pronunciar
- ✚ Deve ser pronunciado numa **situação legítima**, ou seja, perante recetores legítimos;
- ✚ Deve ser enunciado nas **formas legítimas**

A linguagem

Dois objetivos de estudo: a **natureza social da linguagem**; a **linguagem constitui o universo social**. Bourdieu desloca o enfoque das estruturas linguísticas para o contexto (visão pragmática); reintroduz a linguagem numa teoria da ação

A linguagem depende da posição social do locutor. É esta que comanda o acesso que o locutor pode ter à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima.

Contexto:

Bourdieu busca a **apreensão do funcionamento do universo social**. A teorização de uma sociologia da linguagem em Bourdieu constitui-se na oposição aos conceitos de língua, gramaticalidade, comunicação e competência- que são as bases da teoria linguística.

Habitus linguístico: conjugação entre a **retórica** (noções de competência linguística e de gramaticalidade) e a **prática** (noções de campo e de competência social). Tem um senso prático - o discurso ajustado à situação

Kairos: remete para a ideia de **alvo** (falar a propósito). Liga-se à **noção de aceitabilidade/admissibilidade** (adequação a uma situação ou a um “mercado linguístico”)

O mercado linguístico supõe uma situação mais ou menos ritualizada e um conjunto de interlocutores com uma situação mais ou menos elevada na hierarquia social. As relações de força e monopólios que distinguem enunciadorees e enunciados (não somos todos iguais à partida; somos incapazes de aceder a alguns registos linguísticos). O capital linguístico encerra, portanto, o conjunto de valores/situação que admite alguém ao discurso

“Há mercado linguístico sempre que alguém produz um discurso em intenção de recetores capazes de o avaliar”

A competência social não se confunde com a consciência discursiva (“saber o que querem dizer as palavras”). Supõe o domínio prático do uso da linguagem. Só existe no seu exercício, na situação comunicativa, em condições de tempo e espaço específicas

O discurso

- ✚ Tecido de relações de força simbólica.
- ✚ Estrutura estruturada e estruturante (o jornalismo, a publicidade, o cinema, o humor).
- ✚ Instrumento de comunicação, de ação e de poder.

Discurso como prática social

“Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para o fazer. Nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis”.

“Os discursos religiosos, judiciários e, em parte, também políticos, não podem dissociados dessa prática de um ritual que determina, para os sujeitos que falam, propriedades singulares e papeis pré-estabelecidos”.

A linguagem jornalística está definida para decorrer de determinado modo. Há fatores sociais que a condicionam. Mas o facto do jornalismo se referir ao que aconteceu, à atualidade. Bourdieu acusa a linguística de silenciar as condições sociais de possibilidade de instauração do discurso.

A Semiótica aplicada a vários domínios

A **Semiótica aplica-se a todos os campos em que está em causa um esquema de interpretação**. Ou seja, **todas as atividades humanas** podem ser abordadas do ponto de vista da Semiótica. Sendo uma disciplina do ponto de vista teórico, não há uma única, mas sim numerosas metodologias semióticas. Ex: Biosemiótica e Zoosemiótica; Semiótica da imagem, publicidade, cinema, design; Semiótica da música, da arte, do teatro; Semiótica da moda, da comida.

No **plano dos sinais naturais** existe a **Semiótica Médica** – área relacionada ao **estudo dos sinais e sintomas das doenças humanas e animais**. Importante na fase do diagnóstico, mas também no acompanhamento da resposta à terapia. Há áreas específicas dentro da semiótica médica (semiologia cardiológica; endocrinológica; neurológica; pediátrica).

*Um **sintoma** é um **sinal natural** que o médico interpreta, ou seja, a que o médico atribui significado, mesmo sabendo-se que o sintoma não resulta de intencionalidade. O trabalho de interpretação feito neste domínio concorre para a construção de uma espécie de narrativa, a história clínica do paciente.

Recentemente, a área tem evoluído para a exploração da relação médico-paciente. Se nalguns casos a semiótica médica está mais ligada aos sinais detetados por meios complementares de diagnóstico (ex. imagiologia médica), noutros ela só pode desenvolver-se quase somente assente no diálogo entre o médico e o paciente (ex. caso da psiquiatria).

- Biosemiótica

Ligada à **biologia**. Inclui todo o campo da **comunicação não-verbal, animal e mesmo das plantas**.

Integra domínios como a **etologia**, que estuda os comportamentos dos seres vivos numa perspetiva biológica e filogenética; ciência do comportamento dos animais no seu meio natural.

Pierce já tinha aberto o caminho para esta via. Para a existência de signo, deve haver uma relação entre emissor e intérprete... mas não é obrigatório que o intérprete seja humano.

Thomas Sebeok (1960+) funda o campo da Zoosemiótica. Considera que a semiose e vida coincidem. Dois axiomas:

- A **semiose** é o **atributo distintivo da vida**
- A **semiose pressupõe a vida**

- Zoosemiótica

Estuda os **códigos de circulação de informação** entre os **animais**. O objetivo de estudo é saber os **modos pelos quais** os seres vivos, em especial os **animais, comunicam uns com os outros**. Ocupa-se dos sinais utilizados na sua **comunicação intra-específica** (entre indivíduos da mesma espécie) e **inter-específica** (entre indivíduos de espécies diferentes). Até na relação entre humano e animal de estimação pode ser importante.

A questão do autor **Thomas Sebeok** (fundador) é saber como é que todos os **animais** estão dotados geneticamente da **capacidade de utilizar sinais básicos e signos para sobreviver** e como é que a **semiose humana** é, ao mesmo tempo, **similar e diferente desta capacidade**.

A **semiose** inclina-se para a **representação do mundo que cada espécie possui**.

Zoosemiótica -> zooprágmatologia

Implica um **pressuposto**: a ideia de que os **animais têm diferentes sistemas de emitir mensagens**, utilizando a sua sensibilidade e os seus sentidos de olfato, visão, tato, audição e gosto para emitir e receber mensagens.

Admite uma **hipótese**: Que todos os **animais são sociáveis e que cada espécie tem os seus próprios meios de comunicação** e manifesta através deles o seu humor, a época do cio...

Funções da comunicação animal:

- Reunir sexos para reproduzir (rituais de acasalamento);
- Distanciar-se de outros animais, como uma forma de estabelecer limites territoriais e posições dentro de uma hierarquia (determinada mediante agressão/submissão)
- Defesa contra animais predadores (intervindo com intensos sinais e repentinos)
- Comunicação sobre o achamento de comida.

Semiótica Aplicada No Plano Dos Códigos Sociais

- Vestuário e moda - Semiótica da moda

Os acessórios também podem ser vistos como materiais significantes:

Há uma relação entre o vestir e o sentir.

“Nada influencia mais profundamente o sentir do homem do que a fatiote que o cobre”

“O casaco está para ao homem como a palavra está para a ideia; (...) o casaco deve ser a expressão visível do caráter ou do tipo que cada um pretende representar entre os seus concidadãos.”

Dentro de uma “confeção banalizadora e achatante”, “o poeta perde a fantasia, o dândi perde a vivacidade, o militar perde a coragem, o jornalista perde a veia, o crítico perde a sagacidade, o padre perde a fé”.

Por meio do vestuário, fazemos a nossa expressão pessoal. É como uma espécie de língua relacional, protocolo de convivência. O vestuário atua como **linguagem expressiva de estado de espírito** (roupas formais, informais, soltas, justas, cores leves, ou pesadas, etc), de **posições e estatutos sociais** (ex. roupas caras ou baratas), de **condições afetivas** (ex. luto), de **relações de autoridade** (ex. uniformes da polícia, do exército, etc.).

- Semiótica da Comida:

A comida é muito mais do que uma substância de sobrevivência.

O próprio **pão é símbolo da vida**. É um dos alimentos mais velhos comido e cozinhado pelos humanos, o “ganha pão”. O **cordeiro**, muito comido na páscoa, está associado à ideia de Cristo como o “cordeiro de Deus”.

Muito do que escolhemos como comestível tem mais a ver com a história e a tradição do que com a natureza.

A comida e bebida são, portanto, como todos os outros códigos sociais, sistemas regulatórios. Estão em jogo **signos icônicos** e **indícios** que são **codificados por tradição**. Conhecer a alimentação de uma sociedade é conhecer vários aspectos desconhecidos dessa sociedade.

Comida e bebida como signos:

Para além de providenciar alimento e satisfazer a fome, há outras expectativas básicas: que ela saiba bem e que seja culturalmente agradável. Isto varia de cultura para cultura e até entre indivíduos, dependendo dos seus gostos. A comida está associada com a **etnicidade**: massas e pizzas (italiano); sushi (japonês); croissants (França); Rebentos de Bambu salteados (chinês), etc.

A comida serve como uma **marca, signo da classe social** (tipo de ocasiões em que é servida, leitão, polvo, camarão vs massa de atum). A comida também **simboliza estilos de vida** (ex. saudáveis ou menos saudáveis, Azeite, logurte e aveia – dieta saudável; Manteiga e bacon – dieta errática).

Oferecer bens de primeira necessidade (pão, água) pode ser considerado ofensa, enquanto que se forem de segunda necessidade (um vinho, mostarda francesa...) já é bem visto. E nos meios rurais, oferecer produtos agrícolas é sinal de partilha. Há uma tendência para “personificar” determinados tipos de alimento ou bebidas pelas suas características (ex: vinhos). “Florentine” (contém espinafres); “Provençal” (azeite, tomate e alho)”.

- Arte e linguagem

As atividades artísticas são atividades simbólicas (culturais) que traduzem uma forma de significar mundo. Nem uma nem outra se resume à ideia de representação ou *mimesis*. Ambas são formas de expressão.

Arte como representação:

Aristóteles falava de representação e imitação como a função essencial da arte. Figurar= suscitar ilusão da realidade.

É equívoco usar o termo (figurar) para a música do mesmo modo que a pintura. A música não representa sentimentos da mesma maneira que a pintura representa os indivíduos. A música suscita sentimentos,

provoca-os pela mediação das formas sonoras, mas não há nenhuma relação icónica entre a música e os sentimentos.

Semiótica das artes. Arte como significação

Para o processo de significação, é inútil colocar o pensamento antes da manifestação linguística. O pensamento elabora-se na e pela linguagem, assegurando a linguagem uma função de conhecimento, um poder cognitivo. A linguagem e a arte participam na construção do mundo, tal como as ciências e os mitos. **A significação é interlocução.**

Não é mera constatação de um mundo exterior ou interior do artista – **é interpretativa**. A atividade significativa da arte não é exclusivamente constativa. Forma a nossa visão e capacidade crítica e pode incitar a ações, tem capacidade performativa. A **música, dança e teatro** são **formas de expressão** e, portanto, de **significação**.

O **teatro** não se reduz ao texto teatro. A linguagem teatral é formada por vários códigos cénicos, num evento polissémico. Vários sistemas de signos são emitidos num espetáculo teatral. Não se define por um somatório de códigos, mas surge uma **relação/ interação entre os códigos** de diferentes linguagens (ex. corporal, verbal), com o sentido que se deseja comunicar no evento teatral.

A **leitura teatral** comunica através de vários sentidos – manifesta-se como um **processo de comunicação multissensorial**. Estes processos enviam mensagens de carácter fortemente estético e levemente semântico. Complexos processos comunicacionais que envolvem a **transmissão e receção de múltiplas linguagens**. Todo o **signo teatral** é suscetível daquilo que poderíamos chamar uma **operação de ressemantização**: Todo o **signo** funciona como uma pergunta lançada ao espetador que requer e faz uma ou várias interpretações.

- Semiótica na música

“A música é relevante socialmente porque permite às pessoas fazer coisas com ela: não apenas bailar ou entreter-se, mas também inspirar-se, assumir atitudes diversas, gerir emoções e comunicar com um coletivo.” – Oscar Salgar

A **música é relevante política, social e economicamente**. A música “significa”. Diz diferentes coisas a pessoas diferentes. É usada para entrevistas e anúncios no fundo, de forma a indicar o que as pessoas devem sentir. Os significados emergem da experiência ativa de uma audição (ou interpretação) musical num momento histórico”.

No **século XVIII**, surge a questão da **dicotomia imitação/expressão**:

Dicotomia entre a possibilidade de fazer referência a um objeto – **imitação** – e a possibilidade de transmitir emoções da alma para afetar o ouvinte – **expressão**.

Vários **autores** demonstram opiniões: **Charles Batteux** via a música como uma **imitação das emoções e paixões** humanas. **Rousseau** acreditava que a **música e a fala teriam tido uma origem comum**, embora a fala tenha concentrado as questões da argumentação e a música os aspetos rítmicos e melódicos. Já **Daniel Webb** encarava a música como **uma imitação da fala apaixonada**. A música imitava os nervos e os espíritos que se encontravam no corpo.

A partir de meados do **século XX**, com os avanços da linguística e da semiologia a partir da obra de Ferdinand de Saussure, o **significado musical** voltou a aparecer nas **preocupações da musicologia**.

*«Alguns musicólogos começaram a perguntar se **seria possível encontrar na música alguma estrutura de signfiicação como a que os linguistas tinham descrito para a linguagem verbal.**»* Ideia de Saussure segundo a qual a linguística seria apenas uma parte da semiologia.

A **significação musical** é resultado de uma **articulação entre o texto musical (partitura)**, os seus **usos históricos**, a sua **convenção cultural** e o **sujeito ouvinte**, a sua **experiência auditiva** e o **seu nível de familiaridade com o estilo**. Os significados emergem da experiência ativa de uma audição (ou interpretação) musical num momento histórico e cultural particular. Depende do contexto da ação.

- Semiótica visual

Formou-se por volta de 1960, baseado nas teorias de Saussure. **Roland Barthes** é um autor muito importante e que escreveu um **texto fundador**: **“Retórica da Imagem”** (1964), onde afirma a imagem como suporte de civilização e significação.

A Cultura Visual é superior, leva-nos à **civilização da imagem**, sujeitos ao **efeito de naturalização da imagem** – um pastor da idade média era exposto a poucas imagens, nós, no presente somos uma civilização altamente visual. (*comparação de Anabela Gradim*) **Hoje toda a vida quotidiana é mediada por mensagens visuais**, ao ponto de alguns sugerirem que estão em declínio na cultura ocidental os média verbais.

A **imagem** é a **forma mais antiga de comunicação**, começou pelas pinturas rupestres, milénios antes do aparecimento da palavra. As imagens também **constituem narrativas**, sejam elas do **âmbito das artes** (como a pintura ou o cinema), **ou do âmbito** estritamente **informativo**.

O estudo da imagem é um empreendimento interdisciplinar. Ao contrário da língua, as imagens **não podem servir como meios de reflexão sobre imagens**. O discurso verbal é necessário ao desenvolvimento de uma teoria da imagem. Não há imagens que “valham mais do que mil palavras”. Ambos os casos se completam. A imagem apela mais às emoções, é forte, explícita e implícita, mas precisa do acompanhamento do texto para contextualizar, para informar. Assim como o texto, sem a imagem não consegue atrair os mesmos sentimentos e impacto.

Perspetivas dos autores:

Saussure considerava que a **imagem visual é equivalente ao texto**, sendo que estudando o texto, pode-se estudar tudo o resto. **Estudar a imagem como estudamos a língua**.

Émile Benveniste, por outro lado, acusa esta perspetiva de ser **demasiado redutora**, considerando-a **um princípio verbocentrista ingénuo**.

Alguns autores, sobretudo no início, procuraram **compreender a imagem por analogia como a língua**. Daí que tenham **definido a imagem** (signos visuais) **como composições de dois níveis: expressão** (cor, forma) **e conteúdo** (plantas, animais, coisas). Depois evoluíram para uma **perspetiva pragmática** que pressupõe que as **imagens produzem efeitos que não se esgotam na representação** (fazer coisas com as imagens); Não correspondem a uma linguagem universal, independentemente dos contextos (sociais e culturais); **As imagens são mensagens abertas**.

As **palavras referem-se ao mundo** estabelecendo com ele uma relação em que a **arbitrariedade é a dimensão operativa e produtiva de sentido**.

As **imagens referem-se ao mundo** estabelecendo com ele uma **relação motivada**, por vezes até **isomórfica** (são iguais, ex. fotografia).

Texto >>><<< Imagem

A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, **a imagem parece não ser suficiente sem o texto**.

O **contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal** (embora outras imagens e a música possam ser também contexto para a imagem).

Toda a palavra tem atributos imagéticos. Toda a palavra remete, de algum modo, para a imagem (imagens mentais); **Toda a imagem “provoca” palavras**. Toda a imagem “pede” para se traduzir em palavras. Lemos a imagem e traduzimos mentalmente para palavras.

Quando temos uma **imagem**, o **texto serve para contextualizar a imagem, orientar a sua leitura e facilitar a sua interpretação** (ajudar a identificação de um nível simbólico). Serve para viabilizar num sentido de pensamento coletivo e falar das imagens (descrevendo-as, analisando-as, exprimindo o que elas fazem connosco).

Conceito de Imagem:

O ponto comum entre as diferentes significações da palavra ‘imagem’ parece ser, antes de mais, o da **analogia**. **Material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada**, uma ‘**imagem**’ é antes de mais **algo que se assemelha a qualquer outra coisa**. O critério de definição é a Semelhança.

Aí radica também todo o perigo da imagem. A imagem **pode tornar-se perigosa** tanto por **excesso como por falta de semelhança**. Demasiada semelhança provocaria a confusão entre imagem e representado. Uma semelhança insuficiente causaria uma perturbadora e inútil ilegibilidade.

Imagem e significação: Produzir sentido a partir de uma **imagem** é diferente de produzir sentido a partir da **linguagem verbal ou oral**. Isto não significa que a predominância da imagem suprime a linguagem. **As duas completam-se** para formar uma mensagem melhor, mais forte, mais concisa e mais global

Imagem e interpretação:

Monossemia Com significado único (ex. sinais de trânsito)	Polissemia Sujeita a várias interpretações, significado ambíguo (ex. fotografias artísticas)
Denotação Nível prático. Limita-se ao sentido restrito e preciso da imagem. (sinalética)	Conotação Função emocional. Conjunto de sentidos que o sujeito pode atribuir ao signo, tornando-se sinónimo de compreensão subjetiva.
Redundância	Informatividade

Podem haver três tipos de **relação entre imagem e texto**:

- A **imagem é inferior ao texto** e simplesmente o complementa, sendo, portanto, **redundante**.
- A **imagem é superior ao texto** e, portanto, o domina, já que ela é **mais informativa do que ele**.
- Imagem e texto têm a mesma importância** (meio caminho entre a redundância e a informatividade).

Estudar a imagem do ponto de vista semiótico é considerar que a **imagem é um tipo específico de produção de sentido**, que ela tem uma dimensão e presta-se a produzir sentido, **com ou sem intencionalidade**. Devemos considerá-la como um **suporte de significados suscetíveis de interpretação**.

As funções das imagens podem ser:

Informativa	O objetivo da imagem é informar . Ilustrar um texto ou notícia ou indicar uma realidade. Ex: infografia
Persuasiva	está relacionada com a persuasão , cujo objetivo é convencer - imagem publicitária que incita a algo
Expressiva	imagem que busca a beleza com sentido artístico e estético . São imagens que valem por si mesmas. Ex: o beijo de gustav Klimt
Descritiva	que descreve . oferece informação detalhada e objetivo sobre aquilo que representa. Ex: Mapas, escalas

O papel que se reserva ao **leitor** pode ser: Os elementos sintáticos que podem atribuir sentido, são:

reconhecer
identificar
enquadrar
interagir
contemplar
Enquadramento
Cores/ luz/ tonalidade
Texturas
Estratégias de focagem
Figuras/elementos presentes ou ausentes

A **mensagem** pode ser **implícita ou explícita**, e dependa das motivações do criador e das expectativas do leitor.

O **contexto** pode ser:

Histórico	Cultural	Atualidade	Funcionalidade
------------------	-----------------	-------------------	-----------------------

A nível de **poder**, pode:

Complementar o texto
Sobrepôr-se ao texto
Subordinar-se ao texto

A **performatividade** da imagem:

Informa	Seduz	Educa/ Forma	Esclarece	Desvia a atenção	Cria expectativa	Adverte
----------------	--------------	---------------------	------------------	-------------------------	-------------------------	----------------